

‘Subterrâneos da liberdade’: mulheres, militância e clandestinidade

Susel Oliveira da Rosa*, Unicamp
susel.oliveira@gmail.com

Ao escrever sobre a trajetória de Nilce Azevedo Cardoso – militante de Ação Popular (AP), que fez parte dos movimentos de luta contra a ditadura militar, nas décadas de 60 e 70 – me detive, brevemente, na análise das páginas do romance *Subterrâneos da Liberdade*, que reproduzo aqui.

A formação de Nilce para a militância e a clandestinidade – na qual ela deveria aprender a ser “invisível”: entrar e sair dos lugares sem ser percebida, agir discretamente, sair muito rápido em caso de perigo – foi composta por dois momentos, sendo que o primeiro teve início com a leitura de *Subterrâneos da Liberdade*, romance de Jorge Amado muito difundido nos anos 60 e 70 entre aqueles que se opunham ao regime ditatorial vigente.

Formação inicial para militância e a clandestinidade

No primeiro momento da formação, Nilce ficou isolada numa casa distante em São Paulo, para aprender a ser uma “intelectual da revolução” como dizia “Joaquim” – codinome do militante que a acompanhou nesse primeiro momento, guiando-a nas leituras. Para começar, Nilce leu a trilogia de Jorge Amado, “Subterrâneos da liberdade”. Publicada em 1954 e composta pelos volumes ‘os ásperos tempos’, ‘agonia da noite’ e ‘a luz no túnel’. “Subterrâneos da liberdade” é um romance engajado de Jorge Amado no qual ele narra a luta dos militantes do Partido Comunista contra a ditadura do Estado Novo. Clandestinidade, organização partidária, luta política, tortura, miséria social, violência da repressão política compõem o enredo do livro, publicado em diversos países. “Li os três e já fiquei emocionalmente abalada (...) e ele disse: **‘é disso que se trata daqui pra frente’**”¹.

Modelo de militância e de revolução, o romance de Jorge Amado tem como uma das principais protagonistas a jovem operária Mariana, filha de um operário comunista. Operário que deixa de herança para a filha seu lugar junto ao partido. Mariana é uma militante corajosa e destemida, envolvida com a causa operária, que deseja mudar o mundo. Mariana representa também

* Pesquisadora-colaboradora do Departamento de História da Unicamp. Pós-doutoranda e bolsista da FAPESP.

¹ Depoimento concedido à autora gravado em 13/11/2007.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

o modelo da mulher militante comunista. Ela não ocupa um cargo de direção, sua função é de “estafeta”: deve levar informações, recados, organizar reuniões, recolher doações, etc. Apesar da responsabilidade em organizar encontros entre os líderes do partido, sabendo como encontrar a todos, Mariana também deveria chegar antes ao local das reuniões, organizar a casa e preparar o café para esperar os colegas, como sugere uma passagem do romance: “ela devia ir avisar a José Pedro e Carlos, dar-lhes a data e o endereço. Mas cumpria-lhe também ir abrir a casa e esperá-los lá”². E, como acrescenta João - “se você puder fazer um pouco de café, é uma boa coisa”³. João é um dos dirigentes do Partido Comunista e também principal protagonista do primeiro volume de “subterrâneos da liberdade”.

Em meio às lutas, ao trabalho clandestino, à organização de greves, às perseguições do governo de Vargas, Mariana apaixonou-se por João. E, logo pensa em “cuidar da sua comida e da sua roupa” - desejos que Jorge Amado atribui à protagonista - no momento em que ela percebe-se apaixonada: “como era magro o camarada João, e sua camisa estava rasgada em mais de um lugar, ela o notara, dura é a vida dos camaradas, mais dura daqueles que são solteiros e **não têm quem cuide de sua comida, de sua roupa, não tem um seio onde repousar a cabeça fatigada...**”⁴. Companheirismo, comida, roupa lavada, um seio para descansar a cabeça, eis o que Mariana desejava oferecer a João. O papel da esposa perfeita, como retratado em outra passagem do romance, em que “Ruivo”, também dirigente, fala para João que Mariana é uma “boa menina”, pois “comportou-se bem ante a crítica” – referindo-se à repreensão que ela recebera de ambos por ter participado de um episódio de pichação –, sendo, portanto, uma mulher obediente. A seguir “Ruivo” fala da importância de ter uma mulher em casa esperando pelo marido, que chega extenuado da luta política: “o que vale é estar casado, senão já tinha batido a bota há muito tempo... é Olga quem me obriga a comer, chegue a hora que chegue encontro comida, é ela quem me obriga a ir ao médico”⁵. Papel da “esposa” que surge com frequência nas páginas do romance. Como por exemplo, quando Mariana conduz um dirigente nacional do partido:

Mariana encontrava-se um tanto emocionada ao conduzi-lo, era a primeira vez que ela tratava com um dirigente nacional. Fizeram a pé uma grande parte do caminho, e durante quase todo o tempo o camarada lhe falou sobre sua mulher e seus filhos, que viviam em Alagoas, aos quais ele não via há bastante tempo. Fazia sempre planos de mandá-los buscar para o Rio, para junto de si, mas as condições da luta não permitiam. Mariana ficou conhecendo os nomes dos meninos, a habilidade culinária da mulher do dirigente⁶.

² Jorge Amado. *Subterrâneos da liberdade I: Os ásperos tempos* (RJ:Record, 1980), p. 194.

³ Idem.

⁴ Ibid., p.95.

⁵ Jorge Amado. *Subterrâneos da liberdade I: Os ásperos tempos* (RJ:Record, 1980), p.195.

⁶ Jorge Amado. *Subterrâneos da liberdade II: Agonia da noite* (SP: Martins Fontes, s/d), p. 111-112.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Cozinhar, lavar, passar, ser obediente, esperar o marido ou ainda costurar sua roupa, pensava Mariana olhando para “João” enquanto ele dormia, se recuperando de uma viagem na qual executara uma tarefa política: “ela fita a face bem amada, adormecida no sofá (...) Com que sonhará ele? Mariana ajeita-lhe um braço que escorregara. Ri dos buracos nas meias que ele não descalçou. Tirara apenas o paletó e os sapatos, **essas meias necessitam de remendos urgentes...**”⁷.

Apesar de ter sido escrito em décadas anteriores, o romance de Jorge Amado, relido nos anos 60 e 70, refletia uma postura ainda dominante na esquerda que “aceitava as mulheres em suas organizações, mas não como dirigentes ou tomando iniciativas, nem estava interessada nas questões das mulheres”⁸. Andréa Nye faz essa afirmação a partir da crítica que Simone de Beauvoir fez ao marxismo dos anos 60, já que para ela “mais uma vez, as mulheres se viam arrumando a casa e fazendo a faxina”⁹. Nesse sentido, Maria Amélia Teles afirma que as mulheres que participaram da luta política no Brasil, especialmente da resistência armada a ditadura militar, “puderam sentir as discriminações por parte de seus próprios companheiros, tanto pela superproteção, quanto pela subestimação de sua capacidade física e intelectual”¹⁰. Para Teles, ela mesma uma militante na época, as mulheres foram incorporadas às organizações de esquerda, entretanto,

“essas organizações relutaram em absorver a mulher militante de maneira mais adequada ao papel que ela já vinha desempenhando nas diversas áreas da vida social e econômica, talvez por considerarem que as ações guerreiras só diziam respeito aos homens”¹¹.

As idéias permaneciam conservadoras, especialmente a respeito das mulheres, conclui Teles.

Jorge Amado reproduz exatamente esse contexto conservador, reforçando os comportamentos e modelos tradicionais, construídos social e culturalmente para homens e mulheres. Mesmo que estas últimas eventualmente participassem da luta política, tanto que Mariana é uma heroína do romance, o autor não deixa de localizar a mulher ora à sombra dos homens da organização – “era com o camarada João que ela se encontrava para receber os papéis ou os recados a transmitir (...) Mariana estivera nos quatro cantos de São Paulo nessa tarde, levando ordens”¹² –, ora em seu tradicional papel de cuidar da casa e dos filhos, situação sugerida em muitos momentos do romance, como no episódio em que Mariana observa João dormindo, narrado antes. Ambos estão na casa de um outro militante do partido:

⁷ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade I: Os ásperos tempos** (RJ:Record, 1980), p.289. Grifo meu.

⁸ Andrea Nye. **Teoria feminista e as filosofias do homem** (RJ: Record/Rosa dos Tempos, 1995), p.120.

⁹ Idem.

¹⁰ Maria Amélia de Almeida Teles. **Breve história do feminismo no Brasil** (SP.: Brasiliense, 1993), p.70.

¹¹ Idem, p. 64.

¹² Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade I: Os ásperos tempos** (RJ:Record, 1980), p.186.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Zé Pedro entra na sala trazendo uma xícara de café e **atrás** dele aparece Josefa, sua mulher, com o filho pequeno no braço. Os dois riem da contemplação apaixonada de Mariana. Josefa mostra-lhe o filho:

- **Você precisa casar e ter filhos...**

(...)

Zé Pedro foi sentar-se em frente à mesa de trabalho, debruça-se sobre um livro de Stalin, parece totalmente esquecido de Mariana, de João, da esposa e do filho. Lê ansiosamente como se buscasse no livro do grande líder as respostas para as perguntas que as notícias trazidas por Mariana colocam em sua frente. Mas volta-se e sorri quando a criança, buliçosa nos braços da mãe, balbucia chamando: ‘papá, papá’ (...)¹³

Na cena idílica, os papéis que autorizam a generização do humano em seus formatos binários¹⁴, são muito bem definidos: a esposa num segundo plano cuidando do filho e possivelmente da casa, e o líder comunista, o homem da ação política, compenetrado lendo os textos teóricos que orientam a revolução. Cena que se repete mais tarde, no segundo volume do livro, quando Mariana já casada, sai para levar recados enquanto João fica escrevendo o informe do partido: “agora, tu vais voltar para avisar Zé Pedro que eu cheguei (...) enquanto tu vais, fico escrevendo o informe sobre a viagem. Mas, vai depressa, eu te peço...”¹⁵. Papéis que são reafirmados a cada cena do romance, cenas que se repetem enaltecendo as mulheres ora em seus cuidados com filhos, ora em seus dotes culinários, como no episódio em que Mariana vai contatar Carlos: “vamos conversar na mesa. Está na hora do almoço e a dona da casa preparou uma macarronada famosa... – estava escondido em casa do contramestre de uma fábrica de tecidos cuja esposa tinha em alta conta os seus dotes de cozinheira”¹⁶.

E, mais ainda, Jorge Amado não se furta ao supremo clichê atribuído às mulheres: Mariana só torna-se uma mulher completa após ter seu primeiro filho, já casada com João. “Como estás bela”, diz-lhe João, “era verdade: jamais Mariana lhe parecera tão formosa, como se a maternidade houvesse dado novos traços a sua beleza trigueira e simples, a houvesse de todo completado”¹⁷. E o autor continua, com outro trecho idílico: “A própria Mariana já não era aquela mocinha inexperiente, deixando-se levar por seus impulsos, indo pichar muros, arriscando-se a ser presa. **Agora era uma mulher completa, com seu filho nos braços**, e melhor militante que jamais, cheia de responsabilidade, capaz de suportar sem protesto a longa separação do marido”¹⁸. Corpo feminino, materno, assexuado, destinado ainda, ao espaço privado, apesar de executar algumas tarefas no espaço público, desde que não lhe impeçam sua função “natural”: ser mãe.

¹³ Ibid., p. 290.

¹⁴ Tania Swain. **Feminismo e recortes do tempo presente**: mulheres em revista “femininas” (Revista da SEADE, 2001).

¹⁵ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade II**: Agonia da noite (SP: Martins Fontes, s/d), p.202.

¹⁶ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade I**: Os ásperos tempos (RJ:Record, 1980), p.292.

¹⁷ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade III**: A luz no túnel (SP: Martins Fontes, s/d), p.129.

¹⁸ Idem.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Para o marxismo, em primeiro lugar estava a infra-estrutura econômica, as outras discussões – como as propostas pelas feministas - eram periféricas, superestruturais. Para Lênin, por exemplo, “o sexo não era assunto para as mulheres tratarem; em vez disso deviam discutir sobre salários, desempregos, impostos. Quando essas questões estivessem resolvidas, o resto entraria nos eixos”¹⁹. Ou seja, o marxismo não alterou a ordem misógina do mundo, muito pelo contrário, o feminismo continuou relegado pela esquerda.

Muitas mulheres de esquerda, militantes e ex-militantes, teceram a crítica a esse padrão de pensamento, principalmente no final dos anos 70 e início dos oitenta 80. Maria Antonieta Macciochi, por exemplo, dizia em 1983 que o movimento socialista havia interiorizado “uma prática pudica e pequeno-burguesa, aceitando a mesma divisão burguesa dos papéis masculino/feminino, recusando a especificidade da revolta feminina (...) uma teoria revolucionária foi acompanhada por uma concepção antiquada dos valores familiares, como o puritanismo e as regras de produção-reprodução dominantes. (...)”²⁰. Maria Amélia Teles, Danda Prado e muitas outras feministas brasileiras, se voltavam para essa discussão, descortinando essa postura misógina da esquerda brasileira.

Postura que percebemos no romance de Jorge Amado traduzido em várias línguas, lido em vários países, ícone da revolução durante a ditadura militar. A protagonista Mariana era mãe e mártir, pois além de ter o filho nos braços, sabia resignar-se com a distância de João, envolvido em tarefas políticas que o levavam a outras cidades. Uma “mulher completa” que deu à luz um menino e ao longo do romance estava sempre aprendendo lições com os homens. Cada vez que se sentia cansada da luta política, um deles a ensinava a ser forte, com seu próprio exemplo, fazendo-a compreender que a causa do partido era sua vida. Além do mais, depois de casada ela não podia esquecer que se transformara na “esposa do camarada João”. Portanto, precisava se comportar como tal, como lembra-lhe Ruivo: “Vamos, um sorriso... Certamente nos encontraremos mais dia menos dia por causa do trabalho. Bom trabalho, moça, não esqueça que você é a companheira de João e que isso lhe dá muita responsabilidade”²¹.

Mariana que era considerada boa em seu trabalho pelos colegas, pois além de executá-lo bem, sabia ouvir e concordar com as críticas dos seus superiores. Mariana que só muda de cargo, deixa de ser “estafeta” numa ocasião em que todos os dirigentes são presos e só resta ela e um adolescente para reorganizar o partido. Isso, claro, até um novo dirigente ser deslocado do nordeste para assumir o trabalho em São Paulo. Pois não restam dúvidas, nas páginas de Jorge Amado, de

¹⁹ Andrea Nye.Op. Cit. p.65.

²⁰ Jornal **Mulherio** (janeiro-fevereiro de 1983/Ano III/N.11).

²¹ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade III: A luz no túnel** (SP: Martins Fontes, s/d), p.68-69.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

que os homens são os melhores militantes, afinal são “machos”: “O que morreu e eles tomaram por mim, valia mais que eu. **Que camarada! Um macho**”²².

Em todos os casos, são os homens, os intelectuais que entendem da revolução e “bondosamente” auxiliam as “mulheres boas” a compreenderem do que se trata. Afinal, “mulher é bicho curioso”²³, diz um outro personagem referindo-se à curiosidade da “sua”: “ela está doidinha para saber quem está aqui...”²⁴. Mesmo no final do romance, quando outro personagem, um arquiteto famoso que encarna “o bom burguês” - aquele que ajuda e acaba aderindo ao partido –, conta para sua esposa que aderiu ao partido comunista, esta se diz “burra”, pedindo para que o marido a ensine: “**sou burrinha, Marcos, não entendo muito de política**. Mas uma vez já te disse que pra mim é assim: os comunistas são os bons, os outros são os ruins. (...) **Tu vais me ensinar, não vais? Para que eu possa te ajudar**”²⁵. “Camarada macho” e “mulher burra”, eis alguns dos modelos presentes em “subterrâneos da liberdade”.

Modelo que se repete na relação de Doroteu e sua esposa Inácia, trabalhadores negros da região portuária de Santos. Inácia é descrita como a negra exuberante e linda que todos os homens desejam – “de corpo perfeito, erguidos seios pontudos, duras coxas grossas, modeladas pernas e perfil de doçura, os olhos de dengue e de malícia, desejados lábios, dentes brancos e iguais, perfumados cabelos de canela e cravo”²⁶. Doroteu é um negro pequeno e “feio como o diabo”²⁷ – “porque o negro Doroteu, magricelo e baixo, de cara chupada e de grossos lábios, não parecia feito para apaixonar ninguém”²⁸ – mas valente e comunista, com seu dom de tocar gaita de boca encantando Inácia e ensinando-a o que é o comunismo. Um dia antes de Inácia ser morta pela repressão, ela confessa a Doroteu: “eu era uma negra tola, só tinha besteira na cabeça, foi tu que me ensinou que eu não era igual ao cachorro de guarda da casa de sinhá Laura, eu pensava que mesmo o gato dela era melhor que eu, que negro valia menos que branco. Foi tu que me deu tudo que eu tenho, mesmo o filho que tá na minha barriga”²⁹.

Entre as páginas emocionantes do romance - como o episódio da morte de Inácia, ainda grávida, ou na cena em que muitos dos personagens são presos e torturados, incluindo o filho pequeno de Zé Pedro e Josefa –, entre as cenas que convidavam a luta política, os estereótipos reproduzidos por Jorge Amado na generização do humano, talvez tenham passado despercebidos

²² Ibid., p.260.

²³ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade II**: Agonia da noite (SP: Martins Fontes, s/d), p.181.

²⁴ Idem.

²⁵ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade III**: A luz no túnel (SP: Martins Fontes, s/d), p.242.

²⁶ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade II**: Agonia da noite (SP: Martins Fontes, s/d), p.9.

²⁷ Ibid., p.54.

²⁸ Ibid., p.9.

²⁹ Ibid., p.66-67.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

por muitos leitores. Leitores ou militantes que estavam envolvidos no combate a ditadura no Brasil, imbuídos do ideal da luta política. Afinal, como é repetido seguidamente ao longo do livro “o que conta é a luta política, o que conta é o marxismo”, a exemplo da cena em que um dirigente comunista – Vitor – conversa com o personagem do arquiteto, citado antes: “um grande arquiteto – comentou Vitor – o maior arquiteto brasileiro, não é? Mas, meu caro, essa cultura de vocês não vale nada se ela não passar pelo crivo do marxismo. Você pode ser todo arquiteto que queiram, para mim você só será no dia que for um marxista”³⁰. Mais do que isso, o que conta é o partido comunista: “mesmo que houvesse sobrado um único de nós, era o Partido. Ninguém tem o direito de se desesperar”³¹.

“Era disso que se tratava daqui pra frente”, disse Joaquim para Nilce, após ela terminar de ler “subterrâneos da liberdade”. Sua vida deveria ser dedicada à revolução, e os riscos seriam altos. Nilce aceitou a tarefa, e até hoje o romance de Jorge Amado é uma referência para ela.

³⁰ Jorge Amado. **Subterrâneos da liberdade III**: A luz no túnel (SP: Martins Fontes, s/d), p.263.

³¹ Ibid., p.223.